

AMERICA

JORNAL NOTICIOSO, LITTERARIO E SCIENTIFICO

SEGUNDA-FEIRA
29 DE AGOSTO
ANNO 1. N 5

PROPRIETARIOS: ZACARIAS SALCEDO & M. J. ESTRELLA

REDACTORES: DIVERSOS
Preços: por trimestre 25000 réis para esta cidade; pagamento adiantado.

PUBLICA-SE
NO RIO GRANDE
1870

LITTERATURA

ESTATUA

Tão cedo...

Que pureza de céu e que suave melancholia por toda a natureza.

Que meiga e doce harmonia nos melodiosos gorgeios dos passarinhos, saudando as luzes da alvorada.

Rossini, Verdi, Bellini que seriam vossas inspirações ante a magia e a onnipotencia d'esta opera encantada da natura?

Como tudo é cheio de magnificencia; como são vivas e variadas as flores da campina.

E's bella, Santa Cruz, és sublime!

Creou-te Deus e em teu seio depoz o dom de inestimavel uberdade; abraçou-te a natureza e adornou-te com seus mais brilhantes e esplendidos attributos.

E mi tudo admira, na limpidez de teu céu tudo arrebatá!

Que lindo regato; como mansas deslizam-se suas aguas em busca da tormenta dos Oceanos!

As margens namoram seu verde asmeralda no polido transparente desse espelho de fadas.

E as violetas e bogaris exalam de suas cordas o perfume inebriante, que mystifica os sentidos e desperta os devaneios.

São os thurybulos que incensam esse altar erigido ao incomprehensivel do sublime!

E's bella, Santa Cruz!

"—"

Deixa-me sosinho contemplar-te, natureza, a ti que és a rainha do sentimento, a ti que és a sombra da immortalidade do Eterno!

Empresta-me por divan a alcantafia da campina, quero isolado sonhar com o tumulto de teus encantos.

Dá-me que eu em ti adore o Creador...

... Mas, não; que alli sobre a alfombra da indígena palmeira, também contempla-te recostada uma forma nua de mulher.

Quem sabe, um anjo esquecido do Empyreo!

Suas vestes brancas e de pura gasa, ondeiam mollemente aos beijos do Favonio.

Dir-se-hia uma apparição vaporosa do Oriente, ou a realisação dessa virgem,—posteridade de Murillo.

Desperta-a do extase contemplativo, seria, talvez, um sacrilegio que minha alma não pôde consentir.

E poderia, por ventura, eu mesmo perdoar-me a profanação dos mysterios que vagam naquelle peito?...

Porém ei-la que se levanta... é ella, meu Deus! o archetypo da criação!

Oh! meus sonhos, devaneios de minhas vigílias, eis-vos realizados!...

Rei do Universo! como sois infinitamente bom e clemente!

Quanta justiça e providencia em vossas obras!

Déstes aos miseros mortaes a Phoenix que morre hoje no Occidente para amanhã surgir através ás rosas do Oriente.

Déstes-lhes a vida e com ella as flores que devem perfumar-lhes a existencia.

Oh! como, hoje sou feliz por poder glorificar-vos expandido minha alma ás sublimidades da Creação.

A relva avelludada da campina é o throno da natureza, como elle é o solio da grandeza de Jeovah.

Ave! Deos de Jacob! eu vos agradeço a esmola de felicidade que me destes!

"—"

Elvira, pelas nuvens coradas do horizonte escuta-me: deixa que em teu seio eu derrame todo o effluvio deste amor infinito que creaste em meu coração.

Lembras-te? era também uma manha cheia de encantos; tinhas entrelaçado nos aneis de teus cabellos um lindo botõesinho de rosa branca.

Primeiro, procurei despertar-me, tinha medo de um sonho... depois amei-te!

Amei-te como aquelle lyrio ama as

ultimas gottas do orvalho da noite e o primeiros raios do sol, que desabroxa por entre nuvens e serranias.

Lembra-me bem! como hoje o sol apenas doirava a fronte das montanhas e o colibri sugava o nectar das boninas.

Sentavas em um banco de musgos e descuidada lançavas ao chão as brancas petalas de uma dhalia desfolhada.

Nem mesmo sei quanto pude amar-te!

Quiz lançar-me ás tuas plantas como em fervorosa hyperdulia e cruelmente fugiste ás minhas pobres supplicas.

Sim, fugiste; mas eu sinto em minha alma que não esqueceste a pallidez de meu rosto, o fervor de minhas palavras.

Oh! Illude-me, que importa, mas dize-me que não esqueceste; dize-me que minha sombra acompanhou-te e que minhas palavras acharam echo em teu seio—ninho dilecto da candura.

Senão, agora, aos sons dos hymnos da criação ao Creador dize-me só: — Poderei amar-te e ver-me-las prostrado agradecer á Deos na ara da natureza?...

"—"

— Rio-se e vae-se!...

Deos fé-la bella; mas deu-lhe a beleza da roza.

Esqueceu seu coração para ornal-a com os espinhos da insensibilidade.

Adeos, Elvira, para mim serás estatua—meus sonhos não podem realisar-se.

Entretanto, fostes tu o anjo da morte que escreveu o epitaphio sombrio sobre a campina de minhas esperanças!

Adeos, perfa vai-te, que eu vou chorar sobre o tumulto da felicidade, curvando-me á desgraça que enluta o meu porvir.

Por ti, esquecido dos hymnos ferrosos da mocidade, balbucio triste a nenias desconcertada do futuro.

Não sou Pigmallião e o Deus do Synay jámais poderá ser Jupiter.

Estatua, minhas lagrimas e meu

amor serão impotentes para reanimar-te!

Segue a estrada da vida, tu que me conduziste ás bordas do abysmo.

Oh! esse sorriso de desdem que crispa-te os labios, é mais fatal que o veneno das víboras.

Vai-te, e adorno da natureza embraga-te com as ondas atropelladas de suas festas que eu já nem sei contemplar!

Sinto que cegaste os luzos de minh'alma.

E ella, fraca e agonizante, não tem, ao menos, um bordão em que se arrime.

Nem si quer restam-lhe lagrimas com que regue o arbusto maninho da existencia...

E' destino! — morrerá!

“ ”

Segue tua rota estrella da desgraça,
Estatua de mulher sem coração;
Esparge o aroma que facinha e mata...
Sê mancinella, sê miragem — parte!...
Q' embaçado no manto do infortunio!
Digo-te adeus — ás portas do sepulcro!

S. Paulô.

Duarte Ribas.

MEMORIAL

A SEPULTURA DELLA! — Os versos que em seguida publicamos são do distincto poeta Sr. L. Guimarães Junior.

Ao vêl-os na *Imprensa Academica* não podemos furtar-nos ao desejo de reproduzi-los.
Nelles ha harmonia o muita naturalidade, assim como surpreendente belleza poetica.

Eil-os:

Nas longas noites estivas, calmosas
Ao terno olhar da fugitiva estrella,
Toda coberta do sereno e rossas
Como é formosa a sepultura d'ella!

O vento as folhas do chorão percorre,
Os astros vagam na cerulea tóla,
E á luz dos astros que scintilla e morre
Como é formosa a sepultura d'ella!

Nos alvos braços de uma cruz repousa
Murcha e despida a virginal capella,
E aos pés da cruz que lhe defende a lousa
Como é formosa a sepultura d'ella!

O triste archaço de funereo encanto
Que eternamente pelos mórtes vella,
Diz entre as azas escondendo o pranto:
Como é formosa a sepultura d'ella!

Vai oh minh'alma, oh pobre flor perdida,
Ludilrio eterno de infernal procella,
Vai-te abrigar dos temporais da vida,
Na fresca pedra do sepulchro d'ella!

MACHINA DE OURO! — Sô ao ouvir-se a pronuncia desta palavra, parece abrirem-se as algebeiras, dilatarem-se os olhos, satisfizerem-se os desejos: —
Machina de ouro!

E o nome diz muito bem com a pes-

soa ou genero, apezar de não ter a felicidade de fabricar ouro; verdade é que o alcança, porém, com ou sem incommodo de espirito e paciencia é o que não sabemos nem garantimos.

Queremos falar do estabelecimento do Sr. Victorino Francisco Pinto, á rua dos Principes. E' este, uma casa que em seu genero de trabalho, leva a palma da perfeição ás demais que existem na provincia.

Ahi, nessa casa, não se deve procurar só o que o artista habil pôde executar na folha de Flandres; muitos outros objectos, não só proprios para um presente delicado, como para certos mysteres necessarios e uteis, ahi existem em abundancia. O comprador pôde escolher á vontade entre uma multidão de objectos tao variados que seria larga suas enumerações, o que mais lhe agrade e convenio faça.

Para tão importante officina e estabelecimento, chamamos a attenção dos leitores da *America* e os convidamos á dar um passeio até ahi, conscios de que reconhecerão que não inventamos ao tratarmos do engrandecimento dessa casa.

PARA PORTO ALEGRE. — Segue hoje ás 11 horas da manhã para a capital da provincia o vapor *Guahyba*.

LEILÃO. — O Sr. Antonio P. Bastos faz amanhã ás 4 1/2 horas da tarde um importante leilão.

Submetterá á venda uma bonita casa com tres portas de frente, á rua da Uruguayana n. 56.

Chorar! deixam chorar o miserando,
Que se rio muita vez da propria dor!
Oh! deixem-me por ella! é doce o pranto!...
Eu a amo, meo Deus! primeiro amor!

Quanta delicia a lagrima contém!
Quanto prasar á fé na eternidade!...
Oh! eu posso morrer... sinto minha! alma
Despida da illusão, crê na verdade!

Perdão! meo Deus, se a passas largos
Doido arrastei-me ao tremedal do vicio!
Eu não sabia que implorar joelhado
Era — redempção — não sacrificio!

D. RIBAS.

MADRUGADA

O prado se veste de verde folhagem,
As flores espargem aromas saudosos,
As aves gorgem nos bosques floridos,
Susurram insectos nas ramas vígossas:

O campo coberto do orvalho da noite
Desdobra fragante o seu vivo tapiz;
E a fonte isolada cadente murmura,
E languida banha, da margem o matiz.

Em tudo palpita uma immensa alegria,
No sol despontando com raios fogosos,
Nas aves que buscam a prôle querida,
Nas suas moradas nos ramos frondosos.

Até a minh'alma que vive chorando,
Que riso tao lédo sôltou de repente!...
A brisa levou-me para longe á tristezza,
A mente delira, meu peito não sente!...

Rio Grande—70.

J. P. Ribeiro.

Desejos de morrer.

(Offerecida ao meu amigo João Damasceno V. Fernandes.)

“...das nianio a preço ao céo da vida!
Morrer aqui, além, agora ou logo...
Q' importa?! é sempre um sonho esta existência

(tencia)

No mundo envelhecer e amar o mundo!...
Delirios vãos! delirios vãos dos homens!...

A. T. de Castilho.

Morte! morte, tu és da paz o anjo,
Eu quero em teu collo de pernalda descanso,
Minha triste fronte do pallor coberta,
Reclinar contente, para eternal remanço.

Vem phantasma de jejuado aspecto,
Deste crmo profundo e horrído firme-me,
Eu quero em tuas azas—ô Corvo sinistro!
Alegre, contente, para eternal arrojarme.

Oh! vem não tardes... em tuas lethas azas,
Leva-me, arroja-me aos dominios teus
En te invoco com fervoroso anseio,
Lentivo eterno, dos soffrimentos meus.

Que importa a vida? se é tenaz soffrir!
Horrendo nixto, da nefanda sorte!
Que importa a vida?—irrisão cruel!
Sonho horrível, que se esvae na morte.

Que importa a vida? se amores não tenho?
No mundo infamia, de misérias cheio!
Que importa a vida?—baccanais, praseres,
Se a existencia, quanto, oh Deus odeio!

A vida, a vida, que m'importa a vida,
Medolho Averno de pensar continuo!
Vida,—vôrgens atoradora e negra,
Em que nos arroja o cruel destino.

Rio Grande—1870.

João Vidal.

POESIA

Perdão

Horeux le curqui qui ne perd jamais a!
(RACINE.)

Perdão meo Deus se a vida a passos largos
Doido arrastei ao tremedal do vicio
Se as creanças para mim foram brinquedos
Hoje me curvo á cruz do sacrificio.

Hoje me curvo aos manes do passado
Cujas folhas manchei no delirar
Tenho o remorso á lacerar-me o peito
E tenho uma alma triste á prantejar.

Perdão, perdão se surdo á natureza
Que me trahava a todo instante —Deos—
Fugi do templo que me abrija as portas
E em lupanares me esqueci dos céos!

Ah que eu não possa sepultar ao menos.
Esse infinito de incensatos gozos
Ah! que eu não possa reviver criança
Para adorar-te como os fideis ditosos!

E' tarde, é tarde, o barco doudejante
No mar da vida já encontrei escolhos,
Já sinto perto a sombra do sepulchro...
E tenho medo de avistar teus olhos!

E tenho medo... que passei vinte annos
Na mesa lauta do praser da ergia,
Quando de certo soluçava triste
Juncto a ti minha mãe—pobre Maria!

Soluçava por mim! quanta loucura
Entanto, eu cá na terra a desejar!...
E' que não ensinaram me coitado
Uma prece de amor... quero chorar!

cio de uma mulher que já cumprio a primeira condicção de vossa proposição e que se fôra descuberta houvera sido enforcada, como queria fazer o vosso general.

—Neste caso, disse Laforest, o general poderá esperar em vós?

Lhe diceram assim em Madrid?

—Sim.

—Então, que mais quer? E' sua impaciencia mais superior que meus desejos? Hoje não ha unidade nos chefes do movimento; vede aqui minha obra. Diser-vos que amanhã não haverá uma reacção poderosa, logo que se saiba de vossa chegada á Oviedo, é impossivel. Ao contrario, tereis em cada encruzilhada, em cada penhasco, em cada povoação um soldado que saberá dirigir uma bala aos vossos soldados; porém não haverá uma vontade que uma esses esforços perdidos.

—Então o que significavam as vossas palavras anteriores?

—Desejava saber se eras o que legitimamente deves ser.

—E duvidaes de minha pessoa?

—Não.

—De qualquer modo, vede meu salvo-conducto.

O capitão desdobrou um papel que tirou do peito e apresentou a condessa o titulo, que lhe devia infundir a mais completa confiança. Uma rapida vista d'olhos, bastou áquella mulher para ficar satisfeita.

—Cavalheiro, disse, deveis estar contente como eu o estou. Nem deve haver ambigüedades em nossa linguagem desde este momento. O que quereis?

— Já o ouvistes? deter por mais tempo a explosão do volcão.

— Até agora deteve-se; mais adiante é impossivel.

— Impossivel!

— Asturias em peso, estará amanhã sob as armas.

— Porém, não poderéis ganhar um dia? A condessa permaneceu pensativa por alguns instantes, depois arrojando de seus olhos uma vista peçonhosa.

— Ha um meio, disse.

— Declarei-o.

— Tudo consiste em que vos apodereis dos chefes do movimento.

— E isso é facil?

— Se eu vos prestar cooperação, sim.

— Oh!

— Olhai; haveis ouvido fallar do barão de S. Yuste?

— Sim: é um dos mais ardentes inimigos que temos.

— Apoderando-vos delle, não terá a sublevação o poderoso caracter que teria com sua presença.

— Porém, como?

— Eu vos direi, o barão espera minhas ordens não mui distante d'aqui.

— Em que ponto?

— No castello de S. Yuste.

— Está em um castello!

— Não temais; é uma fortaleza antiga, que não pôde resistir ao mais cobarde de vossos granadeiros.

— Conforme.

— Esta mesma noite vos dirigis á Oviedo; tomais uns quinhentos ginetes e penetrando pelas vertentes de Cavadonga e Onis, che-

gais, quasi sem ser observado ao valle de Pendueles.

— Advirto-vos, senhora, que ha quasi 20 leguas á recorrer, e que n'um dia é obra completamente impossivel.

— Podeis estar aqui d'entro de tres dias?

— Sim.

— Então, vai; eu farei que o barão continue em seu castello até essa época.

— Perfeitamente.

— Ao mesmo tempo que ataqueis este ponto é necessario sorprendere outro.

— Qual?

— A casa de D. Carlos de Montalban.

— E' outro chefe?

— Ainda mais temivel que o primeiro.

— Aonde habita?

— Em Rivasdella.

— Neste caso, nada fica por dizer, disse o capitão.

— A mim sim, cavalheiro, respondeu a condessa com um sorriso sinistro.

— O que?

— Reclamo a vida dos dois chefes que nomeei.

— Isso depende da resistencia que elles façam.

— Fallo no caso de que caíam prisioneiros.

— Então estaro sujeitos á vossa vontade, respondeu o francez.

A condessa apertou com uma mão convulsivamente o peito como se nessas palavras encontrasse uma esperança.

A conferencia havia terminada.

Pouco depois, a carreira de um cavallo annunciava que o capitão Edgardo Laforest partia para Oviedo á cumprir os desejos da condessa de Segalvo.

CAPITULO IV

Moras de angustia.

O castello de S. Yuste estava collocado em uma eminencia da qual descobria-se um immenso horizonte.

Desde elle, divisavam-se as erigidas crestas de Cavadonga, envoltas n'um vapor azulado; os frondosos valles que serpenteavam como correntes de verdura, entre os quaes apparecia de trecho em trecho a aguda torre de uma parochia, e as ondulações da costa até ás praias de Rivasdella.

Se nossa intenção fosse fazer uma pintura d'aquelle paiz, seriam inuteis os esforços para conseguil-o.

Era necessario imaginar-se um d'esses quadros que só sahiram do pincel de Poussino e de Villamil; essa brilhante gradação de rocas e de rios bordados com os historicos restos do feudalismo, essa poetica aglomeração de grupos d'arvores, que parecem ilhas de refugio no meio d'uma natureza agreste e selvatica; e por ultimo era indispensavel deter-se ante o velho Oceano, gigante poderoso, que encadeia a creação com um anel de brilhantes.

Dicemos anteriormente, que existia uma ponte que punha o castello em communicação com o valle de Pendueles.

Deste ponto partiam dois caminhos, o melhor dito d'uns estreitos sendas; uma perdias na campina de S. Acyselo e era o caminho que punha as povoações da costa de Lhanes

em comunicação com a capital; emquanto que a outra extravava-se nas sinuosidades que se estendiam ao Oeste, entre o espesso bosque de *abedules*, atraz do qual se levantava a *Atolaya maldita*.

Era a hora em que o sol inclinava sua cabeça para o Occidente.

Essas nuvens de um matiz côr de cobre estendiam-se como um mar sombrio sobre os ultimos resplandores da tarde: o vento dormia, o mar bramava surdamente: e o *bufon* lançava grossos surtidores d'agua, signal infallivel de tempestade.

A natureza havia tomado as côres e o reflexo do céu; alguns rebanhos desciam, balando melancolicamente, afim de applicarem a ardente sede nas aguas cristalinas da *Cabra*; e lá ao longe soava ás vezes a bosina do montanhez, como um echo de alarma ou como a recordação de um perigo visinho.

Em um salão gothico do castello e apoiadas sobre o parapeito de uma janella, duas mulheres observavam com anxiedade a senda que perdia-se nas rocas do Oeste.

Eram: uma, a joven e graciosa Tula; outra, a formosa Gabriela, filha do barão de S. Yuste.

Gabriela, trajava um vestido escuro que fizia resaltar de um modo admiravel a alvura de sua cutis e a extraordinaria belleza de seu semblante.

A' uma modestia excessiva, reunia esta joven de dezoito annos, alguma cousa de aéreo e vaporoso, como advirte-se nas sublimas esculturas de Montanes. Seus olhos rasgados e cubertos por cumpridas pestanas negras davam sombra as suas faces, pallidas pelas emoções que n'aquelle momento agitavam seu espirito; e se bem aquella timidez encantadora enchia o rosto da joven de um temor vago que realçava sua formosura, nem por isso deixava de observar attentamente a senda que temos traçado.

O som de um campanario distante, seis vezes repetido, commoveo os corações destas jovens.

— Oh! seis horas, exclamou Tula. Valha-Deos, quanto tardam! Apesar de ser uma hora tão avançada, nada descobre-se pelo caminho d' Rivasdesella. Nem uma alma se vê pelas cercanias do castello. E' verdade que a tarde está opaca, e os tempos não são dos melhores para cruzar-se o caminho real.

— Tens razão, Tula, respondeu Gabriela. Sabe Deos o que haverá sido de D. Carlos e de Anselmo.

— Enquanto a este, não devemos ter muito cuidado. E' um passaro que sabe por d'onde voa; e com certeza que tomará perfeitamente suas medidas.

Gabriela suspirou, e um momento depois disse:

— Bem pôde ser. Apesar disso temo pela demora. A casa do Sr. Montalban dista umas quatro leguas; Anselmo é mui diligente, e já a duas horas deveria estar aqui.

— Não estranho, como vós, tal detenção. Já sabeis que hoje appareceram os francezes n'esta comarca, quando menos eram esperados: que principiam a talar nossos campos, que as povoações tocam á rebate para reunir seus habitantes; e que nossos montanhezes, posto que sorprendidos, lançaram corajosos o grito de independencia, e se

batem como veteranos sob o estandarte da Virgem da Soledade. (1)

— Exactamente.

Tambem sabeis q' hoje á noute devem congregar-se ao pé deste castello mais de 4.000 homens q' nos devem defender, pondo-se vosso pai e D. Carlos á sua frente, e tudo isto pôde ser causa desta demora.

— Sem embargo, exclamou Gabriela cada vez mais pallida, emquanto Tula, pelo contrario, estava encendida de entusiasmo: olhai outra vez ás montanhas e especialmente ás alturas de Rivasdesella.

Tula esteve algum tempo observando; porém retirou-se da janella dizendo:

— Estão desertas.

— E a costa?

A costa está abandonada. O mar é o unico que levanta suas vagas sobre os penhascos.

— E o caminho da ponte?

— Inteiramente despejado.

— Oh! tanta incerteza faz-me tremer.

— Tens, joven, menos coração que um passarinho.

— Que quereis?

— Temes por D. Carlos, não o pai, senão o filho do Sr. Montalban?

— Esta pergunta fez com que a formosa joven se tornasse de uma côr encendida como o laço.

— Ah!

— Suspiras? mau signal.

— Por que?

— Porque como já vos consta, é tão galante, tão namorado, que...

Gabriela sorriu-se tristemente, e opprimio seu seio com as mãos.

— Não cascos; Tula.

— Deos me livre de tal cousa, dizia que suspiravas...

— E' que não sei o que sente meu coração quando ouço pronunciar o nome de Carlos.

— O vosso sentimento, é igual ao que eu experimento quando me lembro de Anselmo. Se souberes quanto o amo!

— Oh sim...

— Porém meu coração, desfallece a um presentimento.

— Qual?

— Que esta maldita guerra, ha-de pôr péas á nossa união.

— Talvez...

— Vós o julgaes assim?

— Não o duvido, porque nossa vida vai soffrer uma completa mudança.

— O que dizeis?

— Ouve. Ha quasi certeza que abandonaremos o castello!

Tula juntou as mãos e exclamou torturada pela angustia:

— Abandonar este castello!

— Meu pai combina seus papeis com este objecto.

Duas lagrimas appareceram nos olhos da joven.

— E para onde iremos?

— E' ao que eu não sei responder.

— E vosso pai?

(1) Sobre esta santa insignia organizaram-se em Asturias os primeiros batalhões de paisanos, ao invadir este territorio, em 1809 o general francez Maurice Mathieu.